

6.00.00.00-7 CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
6.10.00.00-0 SERVIÇO SOCIAL

PROSTITUIÇÃO: OPÇÃO OU DETERMINAÇÃO SOCIAL?*

ISABEL BERNARDES FERREIRA

Curso de Serviço Social – Faculdade de Ciências Sociais

MAYRA CARDOSO PEREIRA

Curso de Serviço Social – Faculdade de Ciências Sociais

SUELÍ GIÃO PACHECO DO AMARAL

Departamento de Fundamentos do Serviço Social – Faculdade de Ciências Sociais

RESUMO: O PRESENTE ARTIGO É UM DESDOBRAMENTO DA PESQUISA “PROSTITUIÇÃO: OPÇÃO OU DETERMINAÇÃO SOCIAL?”. A PROFISSÃO CONSIDERADA A MAIS ANTIGA DO MUNDO AINDA TRAZ EM SI MUITOS ESTIGMAS, INDICANDO A NECESSIDADE DE REALIZAR ANÁLISES MAIS PROFUNDAS SOBRE ESSE FENÔMENO, ASSIM COMO DE IDENTIFICAR E DESVENDAR OS PARADIGMAS EXISTENTES POR DETRÁS DA QUESTÃO PESQUISADA. O ESTUDO TEÓRICO TEVE COMO BASE METODOLÓGICA UM RASTREAMENTO BIBLIOGRÁFICO, QUE ENVOLVEU AUTORES COMO HELEIETH SAFFIOTI E MARGARETH RAGO, DENTRE OUTROS. A PARTE EMPÍRICA FOI REALIZADA POR MEIO DE ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS DO SEXO E PRESTADORES DE SERVIÇOS QUE AS ATENDEM. NESTE PROCESSO, A PROSTITUIÇÃO FOI ANALISADA COMO UM FENÔMENO CUJA ORIGEM E MANUTENÇÃO DECORREM DAS DESIGUALDADES SOCIAIS, DE GÊNERO, RAÇA E ETNIA. ASSIM, A PROSTITUIÇÃO É CONSIDERADA UMA DETERMINAÇÃO SOCIAL,, QUE MOSTRA SEU LADO MAIS PERVERSO NO CONTEXTO CONTRADITÓRIO DA SOCIEDADE CAPITALISTA.

Palavras-Chave: Prostituição, Determinação Social, Opção, Gênero, Desigualdade Social.

Introdução

O tema prostituição tem sido pouco tratado nos dias atuais, apesar de ser ainda um fenômeno presente na realidade social brasileira e de diversos países em todo o mundo. Sendo assim, estudos acerca do tema são relevantes, uma vez que podem contribuir na construção de conhecimentos para os sujeitos envolvidos nesta questão.

A prostituição é uma das expressões da questão social,¹ dentro dos moldes da sociedade capitalista do século XXI no Brasil. Na cidade de São Paulo, a maior cidade

* Este artigo é um desdobramento da Pesquisa de Iniciação Científica: “Prostituição: opção ou determinação Social?”, executada pelas autoras junto com a referida orientadora no período de março/2009 a fevereiro/2010. Pode ser encontrado na biblioteca da PUC-SP, Campus Monte Alegre.

do país e considerada a mais desenvolvida, a existência desta atividade teve um grande incremento no século XIX e se mantém até os dias de hoje.

Pode-se dizer que uma parte da sociedade brasileira analisa a prostituição como uma escolha feita por homens e mulheres para ganhar “dinheiro fácil”. O que se questiona então é: Será mesmo esta escolha o modo mais fácil de ganhar dinheiro? Por um lado, a prostituição não oferece barreiras intelectuais, físicas e financeiras, ou seja, não é necessário nenhum pré-requisito para se prostituir. Tudo o que é preciso saber pode-se aprender na prática. Assim como está escrito nas páginas do livro *Meninas da noite*, de Gilberto Dimenstein (1992:18): “Elas não têm nada para vender. Não sabem ler, cozinhar, escrever. Só podem vender o único bem que possuem: o corpo”.

Neste sentido, pode parecer fácil se prostituir, pois não é preciso ter pré-requisitos. Basta oferecer seu próprio corpo, você mesmo. Entretanto, até que ponto é fácil se doar por completo, dividir sua maior intimidade, se submeter às maiores violências contra si mesmo? Assim, a primeira questão a ser levantada nesta discussão é que a prostituição, ainda que vista como opção, não é a mais fácil.

Ao mesmo tempo, pensar na prostituição como opção faz sentido, quando se entende que ninguém é obrigado a fazer algo que não quer. De tal modo, alguns poderiam indagar se, caso não fosse uma escolha da própria mulher que se prostitui, não estariam excluídos o livre arbítrio e a possibilidade de dizer sim ou não. Compreende-se todavia por opção a faculdade de fazer uma escolha dentre várias alternativas. Esta escolha é pautada por valores éticos e morais que influenciam as condições objetivas e subjetivas presentes nos sujeitos sociais e no cotidiano. Visa atingir anseios de uma perspectiva considerada melhor. Opção é uma ação e, portanto, ao realizá-la, nega-se uma condição anterior, colocando-se em outra. Ou seja, opção são as possibilidades que foram construídas e que vão afetar o seu meio, os sujeitos e as suas relações com outros sujeitos. Ao compreender o conceito de opção, é possível apontar para o caminho no qual escolhas não são isentas de determinações externas aos sujeitos.

Na pesquisa de iniciação científica foram revistos os pressupostos existentes por detrás da indagação – *Prostituição: opção ou determinação social?* –, com o intento de explicitar o que se entende por opção e como se dá o ato de fazer uma escolha, assim

¹ A questão social é fruto da contradição capital-trabalho. Esta relação produz e reproduz as diversas desigualdades sociais, econômicas e políticas.

como o que se denomina determinação social e seus desdobramentos. Para tanto, foi estabelecido o seguinte objetivo norteador: *Pesquisar o tema prostituição na perspectiva de identificar os argumentos referentes à opção e à determinação social.*

Foi na dialética realidade–teoria–realidade que este trabalho foi construído e que foi retomada constantemente a motivação para responder à indagação posta. Aliada à metodologia utilizada, a pesquisa proporcionou a ampliação de conhecimento e o desenvolvimento desta temática, mas sem esgotá-la, ao contrário, podendo ser o ponto de partida para futuros pesquisadores instigados a estudar as tramas que envolvem as profissionais do sexo.

1. Desenvolvimento

O trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos, cada qual apontando aspectos fundamentais para a discussão acerca da prostituição.

No capítulo de número I – *Prostituição: elementos da história e da construção de gênero* –, foram abordados elementos componentes da construção das desigualdades de gênero sob as marcas da sociedade patriarcal, entendendo-se a prostituição como fenômeno histórico que percorreu diversas épocas, ora sendo renegado, ora valorizado, ora tratado como doença, ora como mal necessário.

A prostituição é considerada um fenômeno presente em diversos modelos societários. Direta ou indiretamente, colaborou para a formação das relações e das normas sociais, assumindo características gerais e específicas em cada momento histórico. Portanto, discutir a prostituição e suas bases estruturantes implica discutir a história da humanidade, da sexualidade, bem como os códigos éticos e morais construídos ao longo do tempo.

O conceito *gênero*, uma construção histórico-cultural, refere-se às regras colocadas pela sociedade para mediar, impor e reprimir determinados comportamentos considerados nas relações postas entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens. Tais regras expressam as relações desiguais de poder estabelecidas entre homens e mulheres. E, visto que são relações construídas socialmente, são tidas como verdades, as quais se legitimam, se naturalizam e quase não são questionadas.

No capítulo II – *Prostituição: atividade laborativa ou não* –, faz-se uma discussão, muito presente nos dias atuais, sobre se a prostituição é ou não uma profissão. São levantados elementos que contemplam críticas à profissionalização desta prática, ao mesmo tempo em que se discute a necessidade de descriminalizá-la, respeitando e valorizando as mulheres que, de alguma forma, foram impulsionadas a ter nesta atividade sua forma de sobrevivência.

A prostituição tem sido tratada de diferentes formas por diferentes países. Alguns proíbem radicalmente sua existência, enquanto outros a legalizam e até a organizam, delimitando sua atuação. No caso brasileiro, trata-se de uma atividade permitida, desde que não envolva exploração. De acordo com Gomes (1994:23), deve-se deixar claro que a prostituição, apesar de em muitos lugares ser culturalmente tolerada, aceita ou legalizada, numa tentativa de melhorar as condições de vida das mulheres que se prostituem, esta atividade é, sim, um ato de violação dos direitos humanos.

No capítulo III – *A atual realidade das mulheres brasileiras profissionais do sexo e o comércio sexual* –, buscou-se revelar um panorama da realidade atual da prostituição. Dados acerca do tráfico de pessoas e da exploração sexual infantil se fazem presentes como subsídios de extrema importância no contexto do mercado do sexo hoje.

O capítulo IV – *Traçando novos caminhos: a atuação do Serviço Social frente à prostituição* – relaciona o tema pesquisado ao Serviço Social, ou seja, a práticas profissionais, estudos, reflexões e ações políticas dos profissionais desta área na temática da prostituição.

Por fim, o capítulo V – *Prostituição: opção ou determinação social?* – apresenta os argumentos que focalizam esta atividade como opção e os que a focalizam a como determinação social, na perspectiva de responder à indagação norteadora da pesquisa.

A pesquisa, tanto empírica, quanto a teórica, revelou a recorrência de argumentos que defendem a idéia de que a prostituição é uma opção. Estas posições se baseiam na perspectiva de que há na sociedade mais alternativas além da prostituição, e que, portanto, basta querer ou não encarar os pontos positivos e negativos. Os argumentos colhidos que corroboram a mesma idéia deixam de lado as condições objetivas de vida que influenciam no momento de fazer escolhas. E, se opção é escolha, que implica vários fatores, entende-se, então, que a opção pode vir a se transformar em uma determinação social.

De acordo com as entrevistas realizadas para embasar a presente discussão, a mulher que se prostitui viu, em algum momento de sua vida, uma falta de alternativas para suprir determinados pontos de conflitos. A profissional do sexo, Mariaxc, afirmou em sua entrevista: “*minha mãe me pôs na rua com dez anos, aí eu vim pra Praça da Sé com onze anos, comecei a fazer programa com catorze, aí depois eu não quis trabalhar e fui me prostituir (..)*”. Ela reitera: “*Se minha mãe não tivesse me botado pra fora de casa eu não precisaria me prostituir (...), fui rejeitada, fui mandada embora (...)*”.

Tanto as profissionais do sexo quanto a parcela da população influenciada, de um modo geral, pelo senso comum entendem que, ao escolher uma determinada alternativa – prostituir-se –, estabelece-se uma escolha por um modo de vida fácil, transgressora, desregrada, descolada da ordem que rege a sociedade. A mesma ordem responsável por construir e reproduzir este pensamento leva os sujeitos a se sentirem culpados por sua própria condição. A sociedade capitalista, para existir, necessita da exploração de uma classe pela outra, tendo como fruto o lucro e como consequência as desigualdades sociais, garantindo assim sua manutenção e perpetuação. Os reflexos da questão social são tratados como causas e não como efeitos do binômio exploração–dominação.

1.1 Metodologia

O estudo teórico envolveu consultas a diversos autores que trabalham o tema da prostituição e a questão de gênero, dentre os quais destacam-se Margareth Rago e Heleieth Saffioti.

A perspectiva teórica adotada foi a de tratar a questão da prostituição no contexto da realidade social constituída por três contradições básicas: gênero, classe social e raça/etnia, cujo produto tem sido a desigualdade social entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, e entre brancos e negros.

O foco do estudo são as mulheres que se prostituem, ainda que seja fato que há homens que também sobrevivem através desta atividade. Privilegiou-se tratar as condições sociais das mulheres neste país, que revelam sua secundarização em quase todos os âmbitos da sociedade.

A pesquisa empírica colaborou para a apreensão de alguns conceitos, deslocando do campo da abstração as apreciações retiradas das leituras. Houve contatos e entrevistas com os sujeitos da presente pesquisa, as profissionais do sexo, sendo duas mulheres que se prostituem, uma ex-profissional do sexo travesti e uma

garota de programa. Além destas, foram realizadas entrevistas com assistentes sociais que, em seu dia-a-dia profissional, lidam com demandas das primeiras.

Foram atribuídos nomes fictícios a todos os entrevistados, portanto, ao serem nomeados no decorrer do trabalho, não há uma correspondência ao nome verdadeiro de cada um. Assim, *cliente* foi o termo adotado para se referir aos sujeitos que utilizam os serviços prestados pelas profissionais do sexo.

1.2 Resultados

✓ A prostituição, de fato, é uma das atividades mais antigas do mundo, sendo isso possível em consequência das diferentes formas pela qual foi sendo tratada. O famoso “mal necessário” foi tratado, na maior parte do tempo, com repulsa; entretanto, expressava os tabus e as questões renegadas socialmente. Tais questões pertenciam a todos, mas foram expostas apenas por algumas pessoas. Neste contexto, pode-se compreender o fenômeno da prostituição como um dos “bodes expiatórios” da sociedade.

✓ A prostituição como atividade laborativa sofre dos mesmos reflexos da precarização do trabalho no sistema capitalista neoliberal. Tanto o trabalhador das mais diversas atividades quanto a profissional do sexo vendem sua força de trabalho. Contudo, as vulnerabilidades nas quais as prostitutas estão inseridas permanecem durante e após sua atividade. Estes elementos as diferenciam dos demais trabalhadores e nos possibilitam considerar que tal atividade por ser extremamente prejudicial para essas mulheres.

✓ Por detrás de uma aparente escolha existe uma determinação social, fruto das relações contraditórias estabelecidas nesta sociedade.

✓ Os estudos acerca do tema focalizam de forma isolada as mulheres que trabalham neste campo e nunca trazem à tona os usuários de seus serviços, os homens. Os debates em torno de temas ligados à prostituição em nada beneficiam as mulheres que se prostituem.

✓ A vulnerabilidade social na qual estão inseridas estas mulheres é explícita, assim como é evidente a negação de sua cidadania e, conseqüentemente, os serviços dela decorrentes, de caráter público ou privado.

✓ Não se defende aqui a prostituição, mas sim as mulheres.

2. Considerações Finais

Embora a prostituição seja vista como uma escolha fácil, ela contém em seu cerne elementos que a tornam um fenômeno complexo, sobretudo em uma sociedade capitalista, organizada nos moldes patriarcais de gênero, em que o Brasil está inserido. Nesta sociedade, que envolve relações sociais contraditórias de gênero e de raça/etnia no contexto das classes sociais, verifica-se a produção de desigualdades, fruto do embate entre os grupos, cujos interesses não atendem à totalidade dos envolvidos. Ou seja, no caso do gênero, os homens são os que detêm privilégios comparativamente às mulheres; no que se refere à classe, são os burgueses, relativamente aos trabalhadores, e, quanto às relações étnico-raciais, a hegemonia é dos brancos em relação aos negros.

Para desvelar a temática da prostituição, foi necessário “afastar” o referencial de mulher e os valores éticos e morais presentes na sociedade, trazendo à discussão reflexões sobre as questões que rondam este tema. Isto não significa neutralidade, mas cuidado no processo de pesquisa para dar atenção às diferentes visões que o assunto comporta.

Elaborar argumentos para a atual discussão acerca da legalização da prostituição como atividade é também pertinente, uma vez que, por um lado, surge como uma alternativa para o alcance de melhorias na qualidade de vida e, ainda, na prática profissional. Mas, por outro lado, isso pode remarcar estereótipos e prender indivíduos a uma atividade laborativa extremamente precária, desgastante e humilhante.

Por fim, fez-se importante, neste trabalho, ressaltar caminhos que facilitem as situações vividas pelas profissionais do sexo, poupando-as de julgamentos moralistas e criando políticas públicas que ampliem as estruturas de acesso aos direitos, nunca se esquecendo de que esta forma de sobrevivência não está descolada das condições objetivas de vida.

Dadas as agruras a que se submetem, a prostituição não pode ser vista como a melhor opção para estas mulheres. Segundo Barros (2005:6):

A despeito das mudanças das formas de prostituição, está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social. As marcas que a sociedade produziu para caracterizar o ato sexual que resulta em pagamento demonstram perfeitamente como as prostitutas são entendidas. Os estigmas

são diversos, alguns são até evitados em nossa comunicação diária, mas revelam com acuidade o imaginário social e o processo de estigmatização por que passam as prostitutas.

Considera-se, portanto, que por detrás de uma aparente escolha está presente uma determinação social, fruto das relações contraditórias estabelecidas nesta sociedade. A condição de vulnerabilidade social na qual estas mulheres estão inseridas é evidente. Do mesmo modo, é explícita a negação de sua cidadania e, conseqüentemente, os serviços dela decorrentes, de caráter público ou privado.

Referências

- AMARAL, S.G.P. do. **O Conselho da Condição Feminina do Estado de São Paulo:** um estudo acerca das bases históricas da sua constituição, limites e contradições. São Paulo: 2006.
- ANTUNES, R. (org.). **A dialética do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite:** a prostituição das meninas escravas no Brasil. São Paulo: Ática, 1992.
- GOMES, R. **Caderno de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v.10, n.1, jan../mar. 1994.
- GUERRA, Y. A instrumentalidade no trabalho do assistente social. **Cadernos do Programa de Capacitação Continuada para Assistentes Sociais** – “Capacitação em Serviço Social e Política Social”, Módulo 4: O Trabalho do Assistente Social e as Políticas Sociais, CFESS/ABEPSS – UNB, 2000.
- RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História.** Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O. e BRUSCHINI. C. (Orgs.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992.